

Vivências da população LGBT que podem levar ao suicídio

Beatriz Maria dos Santos Santiago Ribeiro¹

Resumo: A população LGBT – lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros – é considerada vulnerável, pois sofre cotidianamente violência, e muitas vezes não procuram acesso aos serviços públicos de saúde e aos seus direitos humanos. Em vista disso há necessidade de visar para este público, conhecendo preconceitos vivenciados pelas LGBT. A pesquisa tem por metodologia a revisão bibliográfica com abordagem qualitativa em saúde mental. Objetivou-se conhecer os preconceitos vivenciados pela população LGBT, os quais pedem reflexão e atenção dos profissionais da saúde frente a essa realidade, prevenindo e buscando metas que reduzem o adoecimento dessa população. Nessa perspectiva, destaca-se a importância da Estratégia Saúde da Família no planejamento de ações que levem à atenção das violências. Elaboração de ações voltadas para as questões específicas dessa população. Evidencia-se a necessidade do enfermeiro desenvolver ações educativas, promovendo cursos e palestras informativas, fornecendo-lhes mais conhecimento e preparo para evitar ou intervir em situações que podem ser prejudicial a este público, diminuindo a demanda nos serviços de saúde e, muitas vezes, salvando vidas.

Palavras-chave: Preconceito; Saúde mental; LGBT.

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL); Mestranda em enfermagem; E-mail: beatrizsantiago1994@hotmail.com

Introdução.

A população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) são vítimas diárias de homofobia, exemplo disso são as ofensas verbais como: bichas, veados, sapatonas entre outras (Venturi, 2008). A diversidade sexual é categorizada em: heterossexuais, bissexuais, homossexuais (gays e lésbicas) e, também, transgêneros, ou seja, travestis e transexuais e Drag Queen (DE JESUS, 2012). Pelo contexto social e cultural ocorre a atribuição do gênero presente no corpo desde o nascimento. Ora, cada ser humano têm identidades de gênero, distintas entre si, sejam quais forem os seus atributos corporais (COLLING, 2013).

Gênero e sexualidade são poucos discutidos em ambiente escolar, logo há necessidade de um mediador de informações para esclarecer dúvidas acerca da sexualidade para os adolescentes e a importância social da identidade de gênero (PELLOSO, CARVALHO, HIGARASHI, 2008). Os valores culturais e sociais são construídos por círculo de vivências e interações sociais, nos quais descrevem os gêneros masculinos e femininos, logo há necessidade dos profissionais que exercem função na educação e na saúde trabalharem com esse tema, que muitas vezes passam despercebidos pelos mesmos, utilizando uma abordagem do conhecimento e reconhecimento das diferenças.

Embora sendo vista como um tabu social, as questões de gênero devem ser trabalhadas com enfoque na promoção de saúde e assim a prevenção de doenças, conceituando a igualdade e estabilização de valores e as técnicas de diferenciação e preconceitos que afeta tanto a democracia quanto autonomia do ser humano em si. Falar em sexualidade é um desafio para os profissionais da educação e da saúde, mas que são fundamentais (PELLOSO, CARVALHO, HIGARASHI, 2008).

Vale lembrar, que a escolha do tema surgiu após o estágio de enfermagem no Caps AD, no qual havia vários pacientes com histórico de tentativa de suicídio, depressão, dentre outras doenças, decorrente do preconceito vivenciado em sua vida, o que despertou o interesse de elaborar um estudo para obter uma visão mais ampla, sobre os preconceitos vivenciados no dia a dia da comunidade LGBT. Enquanto Enfermeira, atuando em uma equipe de Urgência e Emergência no Pronto Socorro de médio porte, foi possível identificar a necessidade de informações à população e o planejamento de ações em relação à aceitação das pessoas LGBTs como um todo. Acredita-se que muitas violências tanto físicas quanto verbais podem ser evitadas por meio de orientações de Enfermagem a comunidade. Neste contexto podemos destacar que os profissionais da Estratégia Saúde da família podem ser capacitados para levar

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

às orientações a população, pois fazem parte da rotina dos profissionais dos programas ESF. Por conseguinte, objetivou-se conhecer preconceitos vivenciados pelas LGBTs.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a revisão de literatura tem por finalidade a reunião e o aprofundamento de subsídios de modo a compreender como vem sendo construído este corpo de conhecimentos (Polit, Beck , Hungler 2004). O levantamento dos dados foi realizado no período de janeiro a abril de 2017.

Desenvolvimento.

Sexualidade

A sexualidade pode ser definida como uma marca única do ser humano, que transcende a consideração meramente biológica, centrada na reprodução das capacidades instintivas, ela é a própria vivência e significação do sexo (Nunes e Silva, 2006). Já segundo Bonfim (2010), a sexualidade aponta uma característica íntima em nosso ser, não relacionado ao sexo que é definido por uma marca biológica, mas sexualidade como marca humana.

A sexualidade se configura como um dos núcleos estruturantes que formam a totalidade humana, sendo uma das dimensões humanas mais complexas. Atualmente é interpretada e transmitida pela sociedade, na maioria das vezes, ainda de maneira reducionista e repressiva, expressa na forma de relação sexual entre um homem e uma mulher (ato sexual), a procriação da espécie entre os mesmos e os órgãos reprodutivos (pênis e vagina), tornando se difícil aceitação da LGBT, visto que a sociedade está inserida algumas vezes no modelo tradicional homem e mulher. Nessa perspectiva, a sexualidade diz respeito aos nossos sentimentos, e não apenas a biologia centrada na reprodução das capacidades instintivas do ser humano.

Vale destacar que a identidade sexual é a forma de identificar-se psicologicamente como homem ou mulher, pode ser denominado de uma expressão simples de sexo psicológico (FIGUEIRÓ, 2007). Já a identidade de gênero é uma construção social, no qual o indivíduo se identifica para si próprio e aos que o rodeiam, sobre a percepção a si como ser “masculino” ou “feminino”, ou ambos (Bonfim, 2010).

Diversidade sexual

A diversidade é entendida como a diferença, a variedade, a abundância, este termo usado para designar as várias formas de expressão da sexualidade. De acordo com ABGLT (2010), a diversidade sexual abrange pessoas: heterossexuais, bissexuais, homossexuais (gays e lésbicas) e, também, transgêneros, ou seja, travestis e transexuais e Drag Queen. Na qual diferenciamos em:

Heterossexuais: indivíduos que sentem atração por pessoas do sexo oposto. “Indivíduo amorosamente, fisicamente e afetivamente atraído por pessoas do sexo/gênero

oposto. Heterossexuais não precisam, necessariamente, terem tido experiências sexuais com pessoas do outro sexo/gênero para se identificarem como tal” (ABGLT 2010, p. 13).

Bissexuais: são pessoas que sentem atração por ambos os sexos (masculino e feminino). “É a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. Bi é uma forma reduzida de falar de pessoas Bissexuais” (ABGLT 2010, p. 11).

Homossexuais: pessoas que sentem atração física, emocional e afetiva pelo mesmo sexo ou gênero.

Gays: refere-se em geral aos homossexuais do sexo masculino. “É a pessoa que se sente atraída sexual, emocional ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo/gênero” (ABGLT 2010, p. 14).

Lésbicas: refere-se em geral, a homossexual do sexo feminino, abarcado como a “mulher que é atraída afetivamente e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas” (ABGLT 2010, 23p. 14).

Travestis: fisiologicamente, é um homem (ou mulher), mas se relaciona com o mundo como mulher (homem), a “terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade” (ABGLT 2010, p. 17).

Transexuais: pessoas que não aceitam o sexo que ostentam anatomicamente. “Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída” (ABGLT, 2010, p. 17).

Drag Queen refere-se a “atores transformistas (homossexuais ou não), que, no seu cotidiano, andam vestidos de homem, exercendo profissões diversas, não afeitas ao transformismo, durante o dia” (ABGLT 2010, p. 16).

Discriminações

O Ministério da Saúde aponta que a identidade sexual e a identidade de gênero são representações de um processo complexo de discriminação e de exclusão, dos quais derivam os fatores de vulnerabilidade, como podemos mencionar “a violação do direito à saúde, à dignidade, à não discriminação, à autonomia e ao livre desenvolvimento”. A população

LGBT, devido a não adequação de gênero com o sexo biológico ou à identidade sexual, é agredido seus direitos humanos básicos (Brasil, 2008 p. 01).

Podemos conceituar preconceitos, discriminações e violências a um grupo como homofobia, este termo é utilizado quando são de algumas formas julgados seus comportamentos, aparências e estilos de vida. (Junqueira, 2007). Os números são altos de acordo com o Ministério da Saúde. Dois em cada três entrevistados (67%) já sofreram algum tipo de discriminação motivada pela identidade sexual, proporção que alcançou 85% em travestis e transexuais. O que chama atenção 14,5% dos participantes do estudo feito na Parada Gay de São Paulo referiu terem sofrido algum tipo de homofobia, nos serviços da rede de saúde (Brasil, 2008).

De acordo com os dados baseados no Relatório de violência homofóbica no Brasil, 2013, as categorias e levantamentos são: violência Psicológica 40,1% com subtítulo Humilhações 36,4%; Discriminação 36% com subtítulo Discriminação por orientação sexual 77,1%, Violência Física 14,4% com subtítulo Lesões corporais 52,2%, Negligência 3,6% com subtítulo Negligencia em amparo e responsabilização 58,%, prevalecendo a violência contra pessoas do sexo biológico masculino (homens), gays, com 54% e 26% travestis. Também destaca violências físicas como Facadas 22,4% Alvejadas a tiro 21,9% Espancadas 8,6% Estranguladas 6,2% Apedrejadas 5,2% Pauladas 4,4% Asfixiadas 2,6% 24 Carbonizadas 1,6% Afogadas 0,5%.

O movimento homossexual brasileiro desde os anos 80 tem dado visibilidade aos crimes motivados pela orientação sexual, divulgando o termo homofobia para designar tais atos (Ramos e Carrara 2006),

Leony afirma que Homofobia é um termo designado como o “ódio explícito, persistente e generalizado; manifesta-se numa escala de violência desde as agressões verbais subsumidas nos tipos penais contra a honra até os extremados episódios de violência física, consumados com requintes de crueldade” (2006, p.1). Um estudo exploratório-descritivo, as enfermeiras definiram violência como algum ato, situação ou ação que coloque o indivíduo em prejuízo ou dano, ou ainda em risco no seu bem-estar envolvendo os aspectos físico, psicológico, social, cultural e espiritual (RÜCKERT,2008).

Em um estudo qualitativo, num depoimento de um homossexual explicita várias formas de agressões e sofrimentos causados por homofobia. Como podemos destacar:

“(…) Já sofri vários tipos de violência”.

“(…) um deles me deu um soco, que eu rodei”.

“(…) Outra vez, um velho me chamou e me ofereceu cinco reais para transar, eu não aceitei”.

“(…), ele me bateu e saiu correndo”.

“(…) Uma outra vez, quando távamos no ponto (…), vinham passando os rapazes do tiro de guerra nos xingando e com a mão nos órgãos sexuais, apontando pra gente”.

“(…) o nosso ponto é perto de uma igreja evangélica; várias vezes durante o culto, tarde da noite, os pastores nos xingam dizendo: ‘queimem no inferno, bando de filhos do demônio”.

“(…) Não é rara a notícia de crimes homofóbicos com desfechos que relatam a morte de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e homossexuais” (Alencar, 2008, p. 6).

Em um relatório de causa mortis, preparado pelo grupo gay da Bahia, mostra o aumento significativo dos números de assassinatos nos últimos 30 anos, sendo que no início do terceiro milênio marcado por uma morte a cada dois dias (Mott & Cerqueira, 2000).

É necessário salientarmos a necessidade de um olhar para esse público, o qual com o tempo sofre traumas psíquicos decorrente da crueldade da homofobia, ale lembrar que, de acordo com a Política Nacional de Humanização (PNH), o acolhimento constitui uma estratégia utilizada para subsidiar alterações na organização do processo de trabalho em serviços de saúde, com o intuito de garantir acesso, atenção resolutiva, escuta qualificada e responsabilização pela integralidade da assistência aos usuários. Contudo, embora muito já tenha sido conquistado, ainda há muito a melhorar (COSTA; CAMBIRIBA, 2010).

Cada ser humano sente atrações sexuais e afetivas distintas e tem formas e maneiras de se vestir e se portar, algumas fogem dos padrões impostos pela sociedade como “correto e normal”, porém, não deixam de serem pessoas dignas do nosso respeito. A diversidade sexual, comparada, por exemplo, como batatas, existem vários tipos, tamanhos, formas, cores, e sabores e apesar dessas diferenças não deixam de serem batatas. Assim como elas, são as pessoas, diferentes.

Considerações finais

Sobremaneira é possível perceber que os preconceitos, infelizmente, estão presentes em situações do cotidiano da população LGBT, e que agressões e sofrimento dirigido a esse público pode levar ao suicídio, logo mostra-se necessário à importância da orientação, conscientização ao ser humano, e o debate sobre esse assunto para conhecimento dos tipos mais ocorrentes de violência que a população LGBT sofre no Brasil. É de extrema valia o professor realizar intervenções na sala de aula, abordando temas de sexualidade e gêneros com os seus alunos. O profissional de saúde necessita orientar e fornecer o suporte necessário as vítimas.

Esclarecer a importância da compreensão e conscientização do conteúdo sobre a sexualidade na área da saúde com enfoque em população LGBT pode possibilitar a realização de intervenções capazes de contribuir para o acolhimento e atendimento de pessoas homossexuais no qual sofreram violências na sociedade.

Sugere-se a continuidade das pesquisas sobre essa temática, pois há poucos estudos relacionados, tendo como ponto inicial as problematizações LGBT com enfoque em saúde mental. Enfatiza-se à conscientização a população em relação à igualdade desse grupo, ações voltadas para contribuir conhecimento da população em geral, para que elas possam saber como lidar e evitar preconceitos, e levantar informações que possam contribuir para que os profissionais das áreas da saúde ampliem sua visão, desenvolvam competências e ações, para prevenir agravos à saúde em virtude desses acontecimentos.

REFERÊNCIAS

a) Livros:

BONFIM, C. *Desnudando a Educação Sexual*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BONFIM, C. *Educação Sexual e Formação de Professores: da educação que temos à educação que queremos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

PELLOSO, Sandra Marisa; DE BARROS CARVALHO, Maria Dalva; HIGARASHI, Ieda Harumi. *Sexualidade e gênero: um estudo com adolescentes em um município de pequeno porte do Noroeste do Paraná*-DOI: 10.4025/actascihealthsci. v30i2. 552. Acta Scientiarum. Health Sciences, v. 30, n. 2, p. 113-119, 2008.

POLIT DS, BECK CT, HUNGLER BP. *Compreensão do delineamento da pesquisa qualitativa.. Fundamentos da pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2004. p.199-221.

VENTURI, Gustavo. *Intolerância à diversidade sexual*. Teoria e Debate, v. 21, n. 78, 2008

b) Artigos em coletâneas:

Brasil. Ministério da Saúde. . Painel de Indicadores do SUS nº5 – *Prevenção de Violências e Cultura de Paz*. Brasília, DF: 2008.

BRASIL. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2013*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2016.

COLLING, Leandro. *A igualdade não faz o meu gênero—Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil*. Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, v. 3, n. 2, p. 405, 2013.

COSTA, Maria Antonia Ramos; CAMBIRIBA, Mariele da Silva. *Acolhimento em enfermagem: a visão do profissional e a expectativa do usuário*. Cienc Cuid Saude, v. 9, n. 3, p. 494-502, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina, PR: UEL, 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2012.

LEONY, M. C. *Homofobia, controle social e políticas públicas de atendimento*. Pernambuco. 2010.

MOTT, L., & CERQUEIRA, M. *Causa mortis: homofobia. Violação de direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil*. Salvador, BA: Editora Grupo Gay da Bahia,2000.

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

NUNES, C.; SILVA, E. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

RAMOS, S., & CARRARA, S. *A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre o ativismo e a academia na elaboração de políticas públicas*. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 16(2), 185-2005.

RÜCKERT, Tais Regina et al. *Assistência em unidades básicas de saúde às vítimas de violência na concepção de enfermeiras*-DOI: 10.4025/cienccuidsaude. v7i2. 4997. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 7, n. 2, p. 180-186, 2008.